

2. Entendendo o segmento

2.1 Aspectos históricos

As viagens de cunho educativo tiveram grande impulso a partir do século XVIII, com o aumento no número de pessoas que viajavam apenas pelo prazer e pela busca de informações e cultura.

Com o desenvolvimento do capitalismo e a partir do momento em que a Europa acelerou seu curso de desenvolvimento baseado na industrialização e na racionalização do trabalho, as viagens em busca de prazer e emoção, visando ao aprimoramento pessoal fundadas em categorias de apreciação estética, começaram a crescer em larga escala.

O *Grand Tour*, como ficou conhecido esse fenômeno típico da cultura europeia do século XVIII, se caracterizava por “viagens aristocráticas pelo continente europeu, anteriores à gradativa substituição do tempo orgânico pela regulação do tempo e sua divisão em tempo de trabalho e tempo de lazer no mundo moderno sob o capitalismo”.² Tais viagens tinham como finalidade a complementação dos conhecimentos culturais em países com uma maior fonte cultural, compondo, assim, um status social e intelectual que a sociedade da época impunha.

Andrade afirma que:

O *Grand Tour*, sob o imponente e respeitável rótulo de “viagem de estudo”, assumia o valor de um diploma que lhes conferia significativo status social, embora – na realidade – a programação se fundamentasse em grandes passeios de excelente qualidade e repletos de atrativos prazerosos (...). Os ingleses, importantes e ricos, consideravam detentos de cultura apenas quem tivesse sua educação ou formação profissional coroadas por um *Grand Tour* através da Europa (...)³

O viajante, ou *grand tourist*, era sempre um jovem de família rica, que dispunha de recursos e tempo livre para a prática social de viajar por prazer e por

² SALGUEIRO, Valéria. *Grand Tour: uma contribuição a historia do viajar por prazer e por amor à cultura*. In: Revista Brasileira de História. V. 22, nº 44, pp. 289-310. São Paulo, 2002.

³ ANDRADE, José Vicente de. *Turismo: fundamentos e dimensões*. 7 ed. Ed. Ática. p. 9. São Paulo, 2000.

amor à cultura e ao aprendizado.

Esse tipo de viagem configurou-se por fluxos de destinos e de origem específicos, e começou a adquirir suas características já no final do século XVII, atingindo seu ápice em 1715. Na maioria das vezes a cidade de partida do turista era Londres, e os destinos mais procurados eram a Itália (principalmente), Holanda, Suíça e Alemanha, seguidos de Espanha, Grécia e Turquia.

Ao final do século XVII, o turismo era essencialmente praticado por filhos da aristocracia e da chamada pequena nobreza, mas, aos poucos, foi-se ampliando o número de participantes, de modo que, ao final do século XVIII, o *Grand Tour* já estava firmemente estabelecido para os filhos da classe média urbana, formada por burgueses prósperos e emergentes do setor de serviços que a indústria indiretamente engendrava.⁴

A partir do século XVIII, esse tipo de *tour* continental veio de fato tornar-se parte essencial da educação de todo inglês de posse, sendo interrompido apenas durante a Guerra dos Sete Anos (1756-1763), e retomado em maior escala após seu término. De acordo com Adam Smith, “o costume tornava-se cada vez mais frequente entre as famílias ricas, que mandavam seus filhos viajar para países estrangeiros ainda jovens, para aprender uma ou duas línguas, edificar-se e distrair-se”.⁵

Segundo Garay, o *Grand Tour* “tinha como objetivo principal o ensino (...) dos saberes e das realizações dos estados europeus modernos, e, sobretudo na parte italiana, do esplendor das antigas civilizações gregas e romanas, embora os fins principais eram formar um corpo de diplomatas, políticos, advogados e militares bem capacitados”.⁶

À medida que o século XVIII terminava, o turismo se tornava cada vez menos uma prática exclusiva dos ricos, crescendo gradativamente o número de turistas viajando pelo Continente, sendo que uma parte desses turistas escolhia uma viagem mais curta e menos custosa.

Com o tempo, a prática do turismo de caráter educativo se espalhou pelo continente europeu e pelos Estados Unidos da América, se tornando amplamente utilizado por colégios e universidades particulares. No Brasil, foi adotada por alguns colégios de elite e consistia “na organização de viagens

⁴ UNY, John. *The Tourist Gaze*. Londres: Sage Publications, 1991.

⁵ SMITH *apud* MESSMANN. *Na Inquiry into the Nations and Causes of the Wealth of Nations*, 1776, p. 24-25.

⁶ GARAY, Luis. *Orígenes Del turismo: el grand tour y los viajeros ilustrados en Europa*. Revista de Estudios Turísticos. Edição nº 5 – maio de 2005. Disponível em <http://www.etur.com.br>. Acesso em agosto de 2010.

culturais mediante o acompanhamento de professores especializados da própria instituição de ensino com programa de aulas e visitas a pontos históricos ou de interesse para o desenvolvimento educacional dos estudantes”.⁷

Hoje, com o aparecimento de diversas associações especializadas em viagens educacionais/culturais internacionais, poucas instituições pedagógicas ainda mantêm essa prática. No Brasil, a maioria dos intercâmbios é feito por estudantes de segundo e terceiro graus que buscam aprender uma língua estrangeira e os programas são desenvolvidos e oferecidos das mais diversas formas e pelas mais diversas empresas.

2.2 Conceituação e caracterização

As viagens de cunho educativo, por sua amplitude e grande número de atividades englobadas, possuem diversas denominações. No Brasil são comumente chamadas de Turismo Educacional, Turismo de Intercâmbio ou Turismo Educacional-Científico. São utilizados ainda os termos Turismo Universitário, Turismo Pedagógico, Turismo Científico, além de Turismo Estudantil – termo frequente em países como a Argentina e o Uruguai.

O Ministério do Turismo delimitou o conceito do Turismo de Estudos e Intercâmbio, com base na motivação por atividades e programas de aprendizagem, que podem promover o desenvolvimento pessoal e profissional por meio das vivências interculturais.

Assim, definiu-se:

*“Turismo de Estudos e Intercâmbio constitui-se da movimentação turística gerada por atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal e profissional”.*⁸

Para tanto, é importante esclarecer os termos utilizados na definição desse segmento:

a) Movimentos turísticos

São entendidos como movimentos turísticos os deslocamentos e estadas que pressupõem a efetivação de atividades consideradas turísticas. No caso desse segmento, tais atividades são geradas pela realização de estudos e intercâmbio que envolvem a oferta de serviços, equipamentos e produtos de:

⁷ BENI, Mario Carlos. *Análise Estrutural do Turismo*. 4ª ed. rev. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001. p. 427.

⁸ BRASIL. Ministério do Turismo. *Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais*. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

- Operação e agenciamento turísticos;
- Educação e trabalho;
- Transporte;
- Hospedagem;
- Alimentação;
- Recepção;
- Recreação e entretenimento;
- Eventos;
- Outras atividades complementares.

b) Atividades e programas de aprendizagem e vivência

Englobam a realização de cursos e/ou troca de experiências com finalidade educacional formal e não-formal.⁹ A vivência consiste na experimentação participativa e apreensão de conhecimentos sobre aspectos sociais e culturais de um lugar.

c) Qualificação e ampliação de conhecimento

Compreende o aumento do grau de conhecimento, aptidão e instrução do turista em determinada atividade.

d) Conhecimento

No contexto desse segmento, o conhecimento refere-se a informações e experiências acerca de alguma atividade específica, abrangendo tanto a área técnica como a acadêmica. O conhecimento técnico refere-se a uma profissão, ofício, ciência ou arte (cursos esportivos, de idiomas e vários outros). O conhecimento acadêmico é aquele adquirido via Instituições de Ensino Superior de Ciência ou Arte (graduação, pós-graduação).

e) Desenvolvimento pessoal e profissional

É o ganho qualitativo e quantitativo de conhecimento de interesse individual e para fins de exercício de uma profissão ou ofício.

2.3 Principais modalidades de programas educacionais no âmbito do segmento

Tanto para a elaboração de políticas públicas e formatação de produtos de intercâmbio, assim como para a orientação a prestadores de serviços, é importante ter conhecimento acerca das atividades e programas educacionais que podem ser desenvolvidos no âmbito do segmento. Com isso, torna-se possível diagnosticar necessidades de infraestrutura e serviços para sua realização. O trabalho de desenvolvimento e formatação de programas educacionais com suas respectivas atividades complementares (que podem

⁹ De acordo com as terminologias adotadas pelo Ministério da Educação, a Educação Formal pode ser entendida como as várias formas de ensino regular, oferecida pelos sistemas formais de ensino em escolas, faculdades, universidades e outras instituições. Educação não-formal corresponde a processos de formação que acontecem fora do sistema de ensino (das escolas às universidades). Para mais informações consulte <http://www.inep.gov.br/pesquisa>. Acesso em outubro de 2010.

ser atividades culturais, de ecoturismo, de turismo de aventura ou até mesmo esportivas) requer uma definição clara de conteúdos, carga-horária, infraestrutura necessária e, principalmente, identificação dos interesses do público-alvo para o qual tais atividades estão sendo planejadas.

Entende-se um programa educacional como um “conjunto de atrativos, informações e experiências organizadas de forma a atender ao conteúdo de um intercâmbio”.¹⁰ Os programas educacionais podem ser organizados por Instituições de Ensino Superior, escolas de ensino médio, escola de idiomas, escolas livres e ONGs focadas em trabalhos voluntários ou estágios profissionais. Já os operadores de turismo receptivo, prestadores de serviços de hospedagem, alimentação e transporte e empreendedores locais são responsáveis pela oferta das atividades complementares e serviços turísticos, tais como roteiros turísticos, cursos de culinária, dança, esportes, cultura brasileira, entre outros.

Tendo como base o conceito apresentado, é possível verificar algumas modalidades de programas educacionais que caracterizam esse segmento turístico, são elas:

- Programa de estudos de/no ensino médio;
- Programas de ensino superior;
- Programas de estudos de curta duração;
- Cursos de idiomas;
- Estágio profissionalizante ou trabalho voluntário.

As modalidades de programas educacionais no âmbito do Turismo de Estudos e Intercâmbio podem ser conjugadas com diversas atividades relacionadas a outros segmentos turísticos de oferta, como Turismo Cultural e de Esportes. Trata-se de agregar benefícios aos produtos do segmento, capazes de serem percebidos pelo estudante, oferecendo a ele novas possibilidades de vivência e de experiências diferenciadas.

Nas seções seguintes, especialmente no tópico 3.4, onde se define a cadeia produtiva que compõe o segmento, serão apresentadas com mais detalhamento as modalidades de programas educacionais existentes e seus respectivos marcos legais, indispensáveis na elaboração dos programas, pois para que a oferta seja viável, primeiramente, ela deve ter embasamento legal. Já no tópico 3.5, que trata da agregação de atratividade, serão apresentadas

¹⁰ BRASIL, Ministério do Turismo; BELTA, Brazilian Educational & Language Travel Association. **Manual Técnico de Operações de Estudos e Intercâmbio: Destino Referência São João del-Rei/MG**. Brasília: Ministério do Turismo; São Paulo: BELTA, 2009.

as diversas formas de se diferenciar os produtos turísticos de intercâmbio, por meio da integração de atividades complementares e segmentos.

2.4 Estudos e pesquisas sobre o segmento

A educação internacional teve o seu valor ampliado nos últimos anos, passando a ser prioridade na agenda institucional de diversos países, das suas agências de promoção, de fomento¹¹ e das instituições de ensino.

Embora ainda conserve o modelo tradicional de ações e demandas individuais de educadores, pesquisadores e empreendedores, hoje, adquirir experiência internacional faz parte dos planos de milhares de estudantes de diferentes idades, níveis acadêmicos e realidades sociais, vindos de todos os lugares do mundo.

As organizações públicas e privadas perceberam o valor e a importância de investir na capacitação de indivíduos para ampliar o seu capital intelectual. É notório que, quanto maior o número de pessoas internacionalizadas e preparadas para lidar com a diversidade cultural, mais chances estes indivíduos e, conseqüentemente, os seus países, têm de se projetar e se manter competitivo. Nesse sentido, e graças ao processo de globalização, a mobilidade estudantil e acadêmica alcança essa magnitude principalmente pelos valores que a experiência e competência intercultural oferecem e que não apenas têm o poder de integrar e construir sociedades mais solidárias, mas também preparar os cidadãos e as instituições tanto para concorrer quanto para cooperar globalmente.

(...) passou-se, então, à era da valorização do conhecimento e da informação, que são as matérias-primas básicas para a produção de riquezas nessa sociedade. O conhecimento tornou-se o fator mais importante da produção. Os ativos capitais necessários à criação da riqueza são aqueles baseados em conhecimento, ou seja, o capital intelectual. Sua intangibilidade difere dos ativos percebidos até então como fábricas, equipamentos, dinheiro e outros.¹² (MOTA, Keila, 2009).

¹¹ Exemplos de agências de fomento à pesquisa e de promoção de educação nacionais e estrangeiras: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ); *Fund for the Improvement of Postsecondary Education* (FIPSE); Comissão para Intercâmbio Educacional entre os Estados Unidos da América e o Brasil (Comissão Fulbright); Centro Franco-Brasileiro de Documentação Técnica e Científica (CenDoTeC); Campus France, *British Council*, DAAD, Nuffic, Jasso, Education USA etc. Para mais informações, consulte o documento "Estudo de inteligência de Mercado para o Segmento de Estudos e Intercâmbio" (Embratur/Belta, 2009).

¹² MOTA, Keila Cristina. Turismo de Intercâmbio. In: *Segmentação do Mercado Turístico, Estudos produtos e perspectivas*. Ed. Manole, 2009.